

2ª Edição

# A CAIXA DA AVÓ MARIA

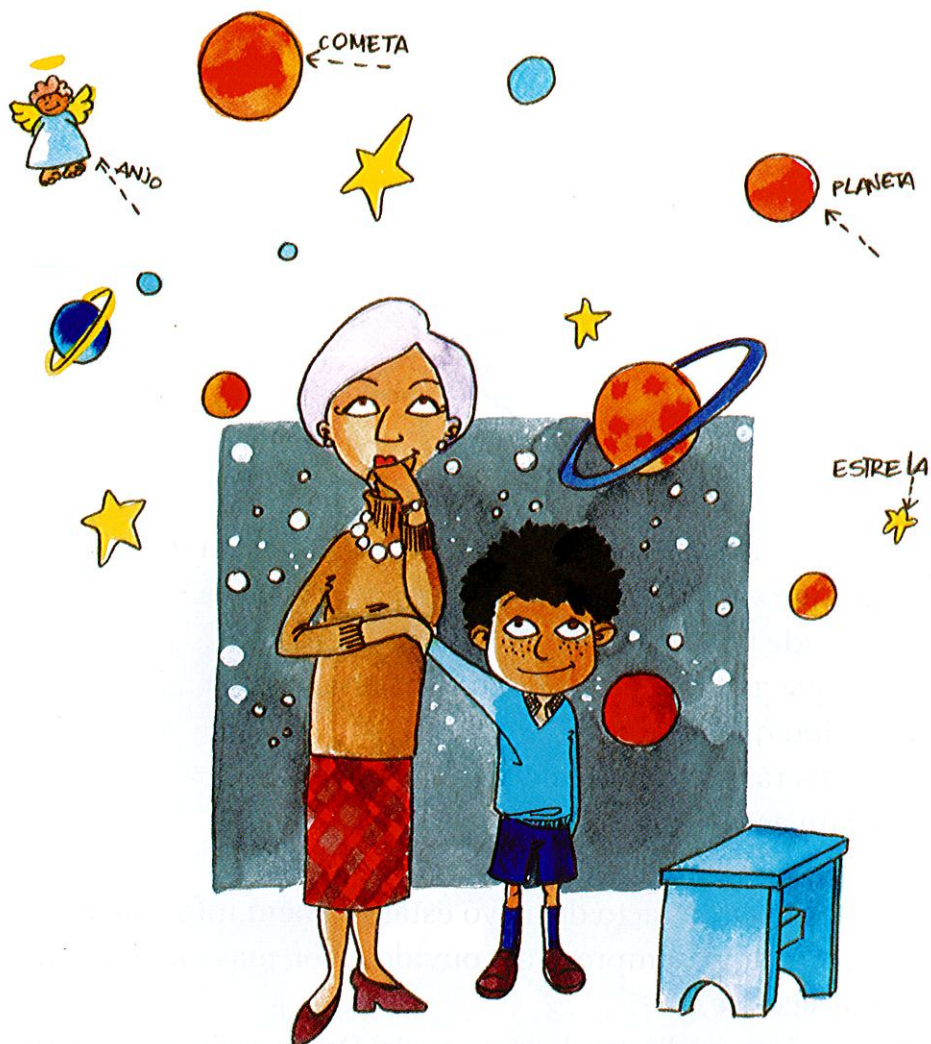
LEONOR MEXIA

ILUSTRAÇÕES DE ISABEL ROCHA LEITE



papiroeditora

1ª Edição esgotada em 5 dias



Acho que sou um bocado aluado. Extremamente aluado. Viajante em sonhos de 1ª classe.

A avó Maria é ainda mais aluada do que eu. A minha companhia nessas grandes viagens. De ir ao céu e voltar.

Ainda por cima, a avó sabe tudo sobre estrelas, cometas, anjos, satélites e tudo o que não é terreno.

Coisas que eu gosto.

- Avó, como é que as pessoas, quando morrem, vão para o céu?
- São os anjos que vêm buscá-las – explicou a avó Maria.
- A que velocidade voa um anjo?
- Mais rápido que a luz, mais rápido que o som...
- Até mais rápido que a Internet?
- Sim, João, mais rápido que a Internet.
- Onde guardam as asas?

...

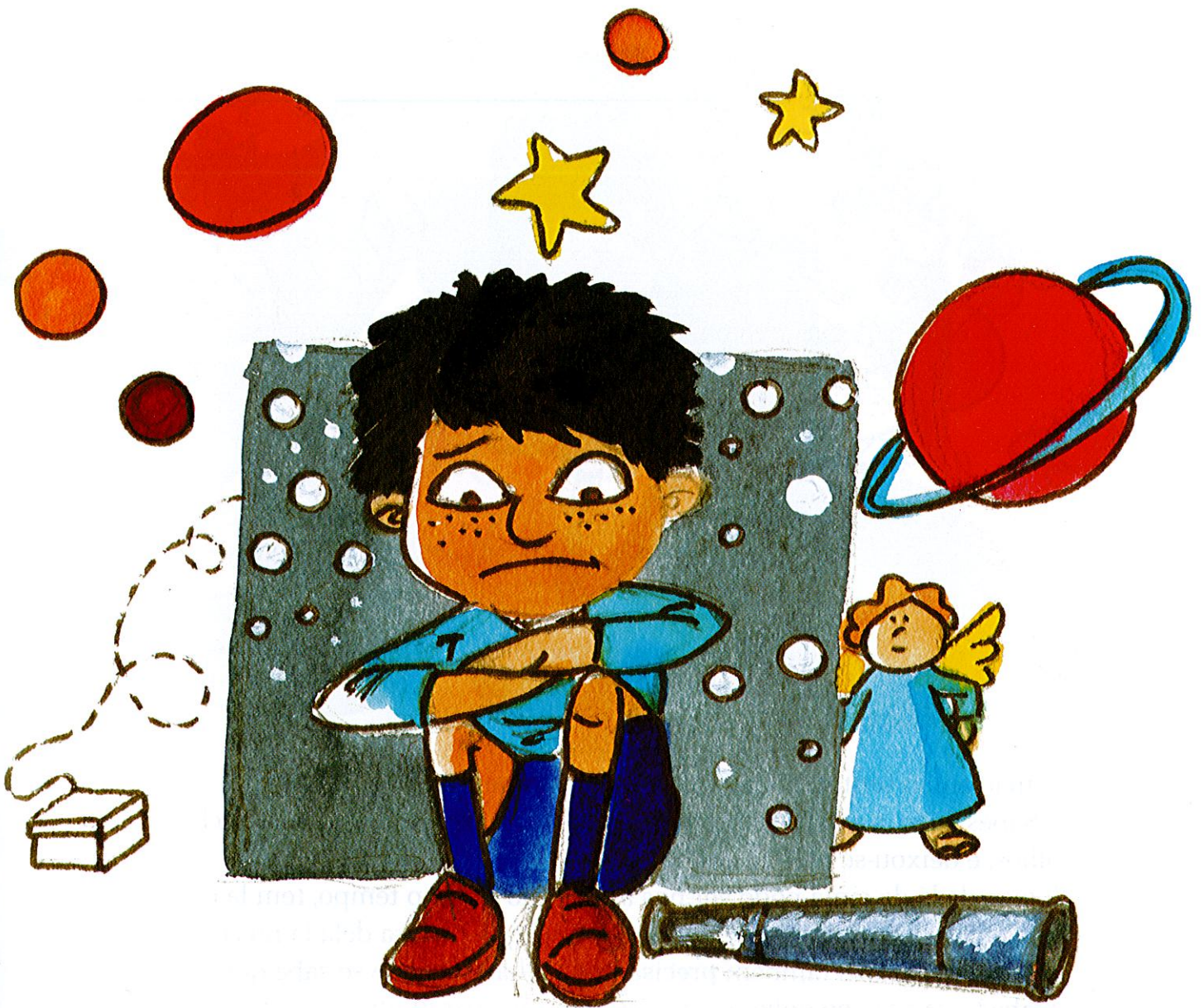
Comecei a desconfiar do facto de a avó estar tão bem informada sobre anjos. Bem, a avó era um anjo, sempre tinha ouvido dizer, mas não se pode acreditar em tudo o que se ouve.

Onde é que a avó escondia tão bem as asas? Devia ser naquela caixa branca que estava em cima do armário e onde nunca me tinha deixado mexer. Como é que a avó conseguiu guardar segredo durante tanto tempo?

Ainda hoje estou para saber.

Quando finalmente lhe ia dizer que tinha descoberto tudo, que era indecente não mo ter contado antes e que tinha muito orgulho em ter uma avó anjo, que podia confiar em mim que eu não ia contar a ninguém a não ser à Helena, claro, a avó não me pôde ouvir.







A mãe então sentou-me ao colo e explicou-me:

– Sabes, João, a avó Maria começou a ficar fraquinha, fraquinha, fechou os olhos, e deixou-se ir...

É que, de lá de cima pode ver-nos a todos ao mesmo tempo, tem lá o avô e, além disso, há muita gente, muita mesmo, que precisa dela lá no céu.

– Ó mãe, mas nós também precisamos... Quando é que se sabe que a vida acaba?





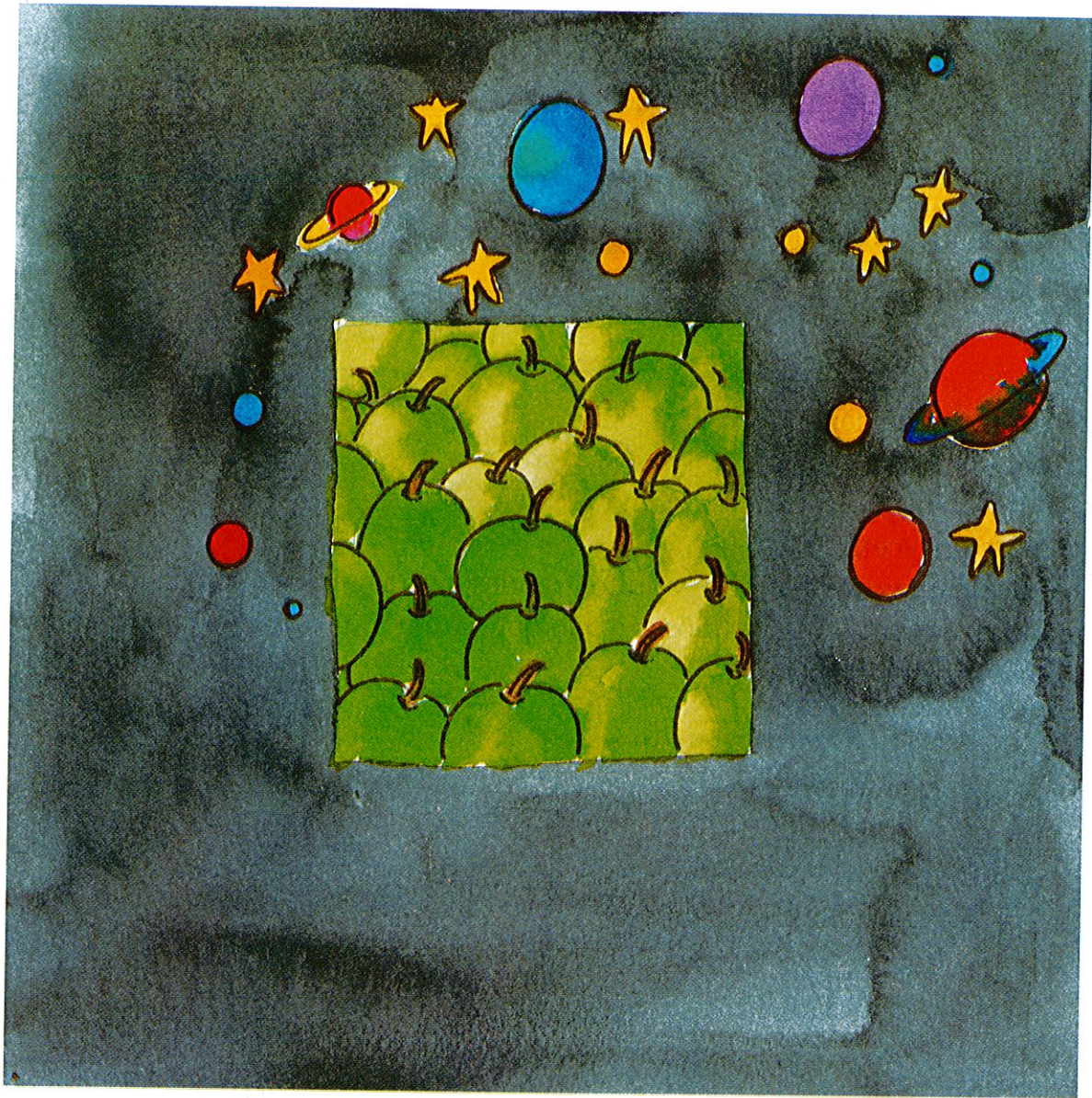
– Olha, João, a vida é um bocadinho como as maçãs, daquelas verdinhas, que tu tanto gostas. Têm um prazo para ser comidas. A validade, não é?

Primeiro estão muito bonitas, com a casca brilhante, lisinha e cheia de cor. À medida que o tempo passa, começam a ficar baças e enrugadas, com pequeninas manchas, e tu ficas com pena, porque estás habituado a vê-las em bom estado.

Com a vida é mais ou menos a mesma coisa. A vida não aguenta eternamente ser brilhante e cheia de cor. A diferença é que as pessoas não têm prazo, nunca acabam a validade, porque **as pessoas nunca, mas nunca morrem. Só mudam de lugar.**

Agora, temos juntos que aprender a viver assim, só com recordação da avó. Se te lembrares dela um bocadinho todos os dias, com alegria, ternura e uma pontinha de saudade, a avó nunca morre dentro de ti. Depois ficámos os dois muito agarrados e chorámos um bocadinho.







Foi então que cheguei a uma conclusão:

A avó Maria era tão boa, ajudava sempre toda a gente, tinha uma generosidade do tamanho do céu e teve de vir tantas vezes à Terra buscar pessoas que, coitadinha, perdeu a força e morreu.

É que algumas pessoas eram muito grandes, outras tinham botas tão pesadas, e outras eram teimosas e não queriam ir, que era um trabalho bem difícil.



Até que me lembrei da caixa branca.



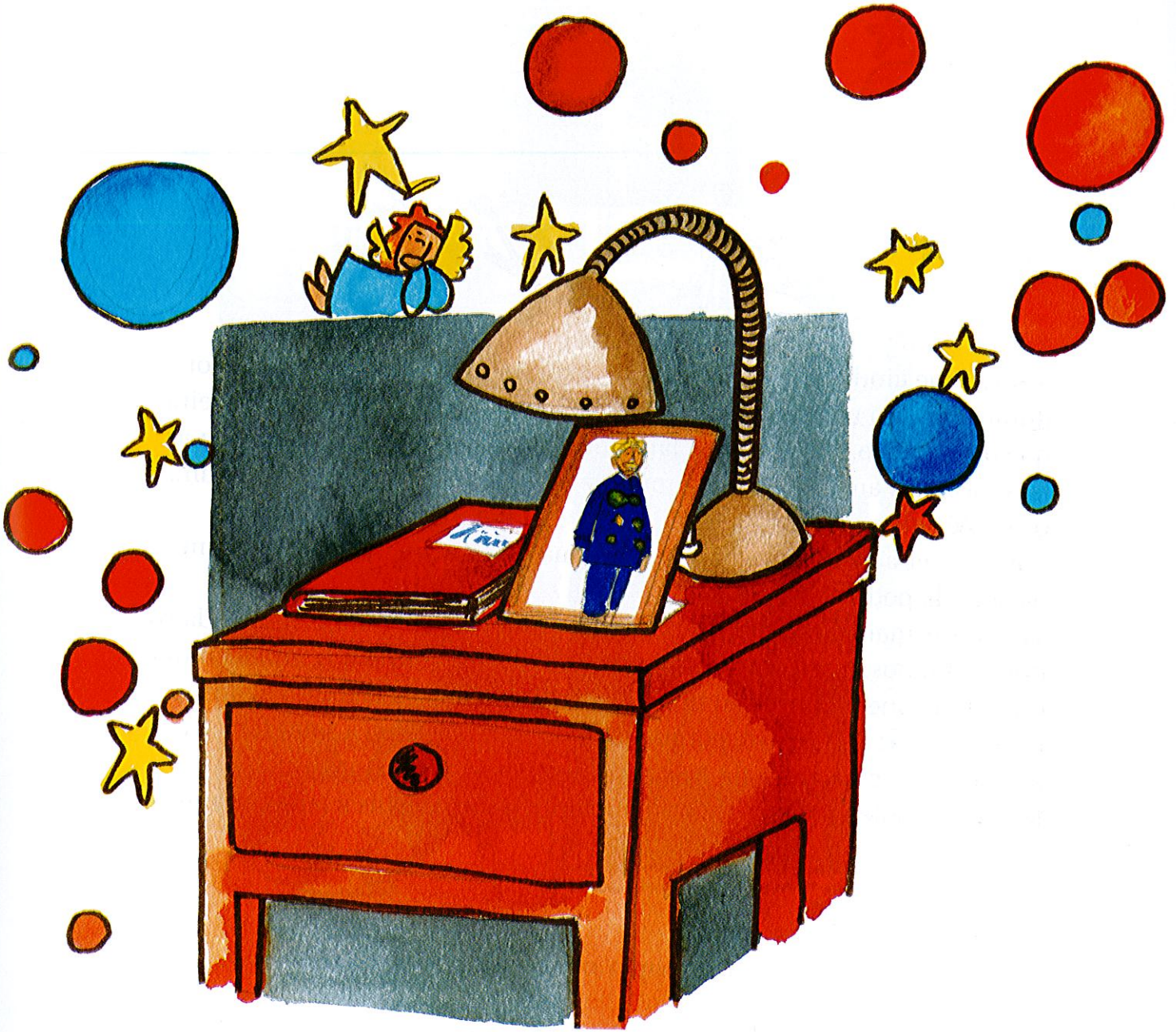
Ainda um bocado a medo, escapei-me para o quarto da minha querida avó. Estava tudo igual a ontem, só faltava lá ela.

A cama muito bem feita, com a almofada do bordado inglês em cima, o cestinho dos ganchos no toucador, ainda com cheiro a cera, daquela roxa, da lata, e na mesinha de cabeceira, como sempre a conhecera, a fotografia do avô Zé. Estava numa pose um bocado estranha, com uma fatiota azul com muitos botões dourados e umas medalhas presas ao casaco, parecidas com as minhas, da natação.

Era tão barrigudo! Quantos anjos o teriam levado?

Era militar, o avô Zé. E como quase todos os militares, andava sempre com as costas direitinhas ou, como diziam as primas, parecia que tinha engolido um garfo.

Eu não gostava daquela fotografia. Abri a gaveta da mesinha, e aí sim. Dentro da Bíblia dourada da avó, junto dos santinhos da minha primeira comunhão, estava a fotografia do avô, aquela que eu gostava, tirada na Quinta da Laranjeira.







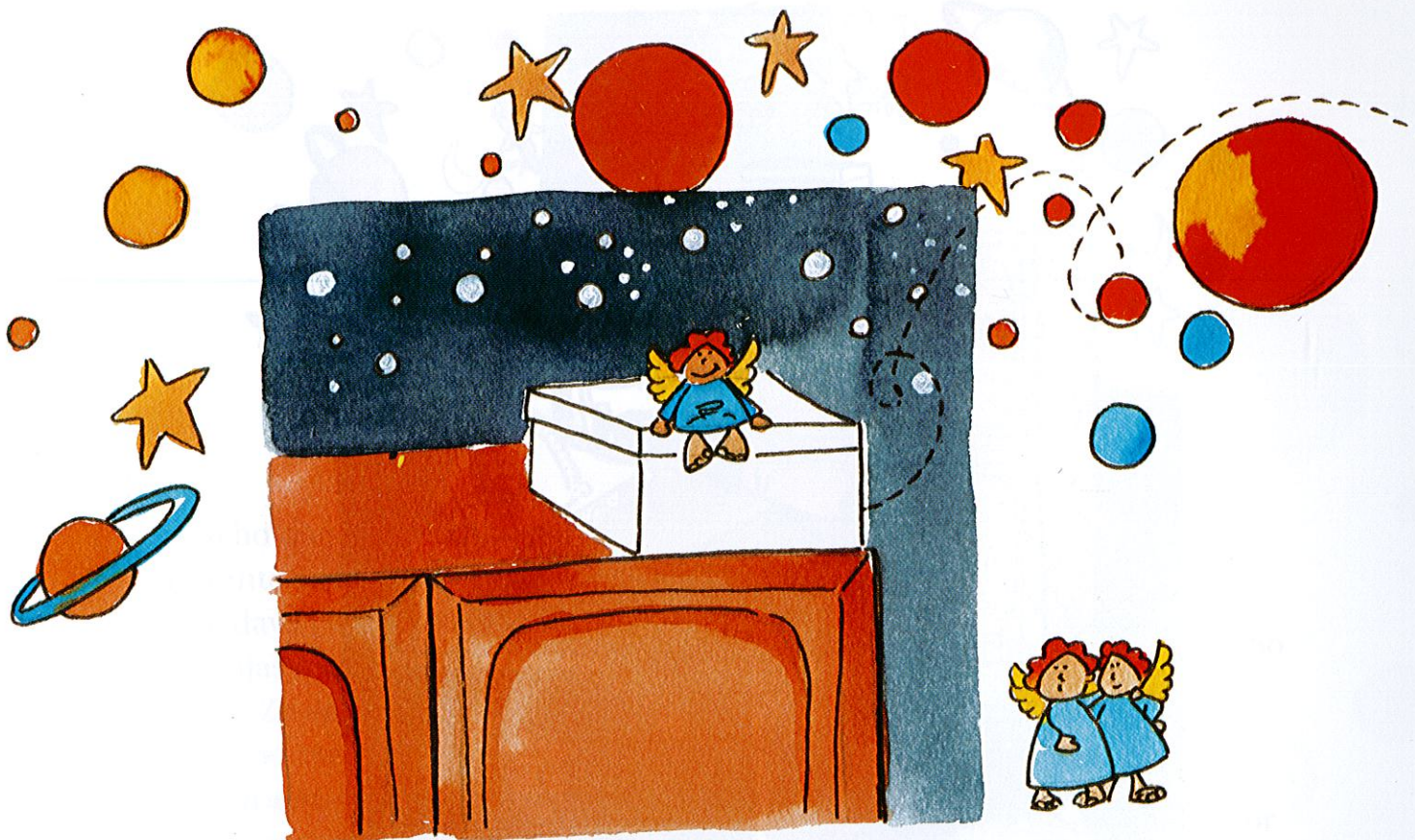
– Acho que ainda tenho guardado no meu nariz o cheiro da quinta. Foi durante anos o meu pequeno universo. Lá estava a árvore, no fim da eira que dava para o mundo. Era a laranjeira mais feia que eu já vi, e tinha as laranjas mais amargas que alguma vez provei. Nem os gatos as queriam. Só o avô Zé adorava aquela árvore. Sorri ao ver a cara alegre do avô, em cima do escadote de madeira, com a tesoura da poda na mão. Tinha o ar mais tranquilo e sereno deste mundo, sem o traje de gala da cor dos seus olhos, mas com a camisa dos quadrados vermelhos, aquela muito quentinha que a Conceição tinha que lavar e pôr a secar muito depressa. (Não se via os pés do avô, porque foi a tia Ana que tirou a fotografia e é sabido lá em casa que a tia Ana corta sempre os pés às fotografias). Mas o escadote era velho, o avô também, e pouco depois a laranjeira secou.



Agora a avó ia outra vez para o seu lado, o que ela tanto queria, e desta vez para sempre.

Achei que tinha chegado a altura de ir ver o que tinha a caixa branca.





Continua ali, em cima do armário. “Deve ser pesada”, pensei.  
Arrastei a cadeira, preparei-me para o grande esforço ...



A caixa branca, tão branca era leve mas tão leve que voou das minhas mãos para cima da cama.

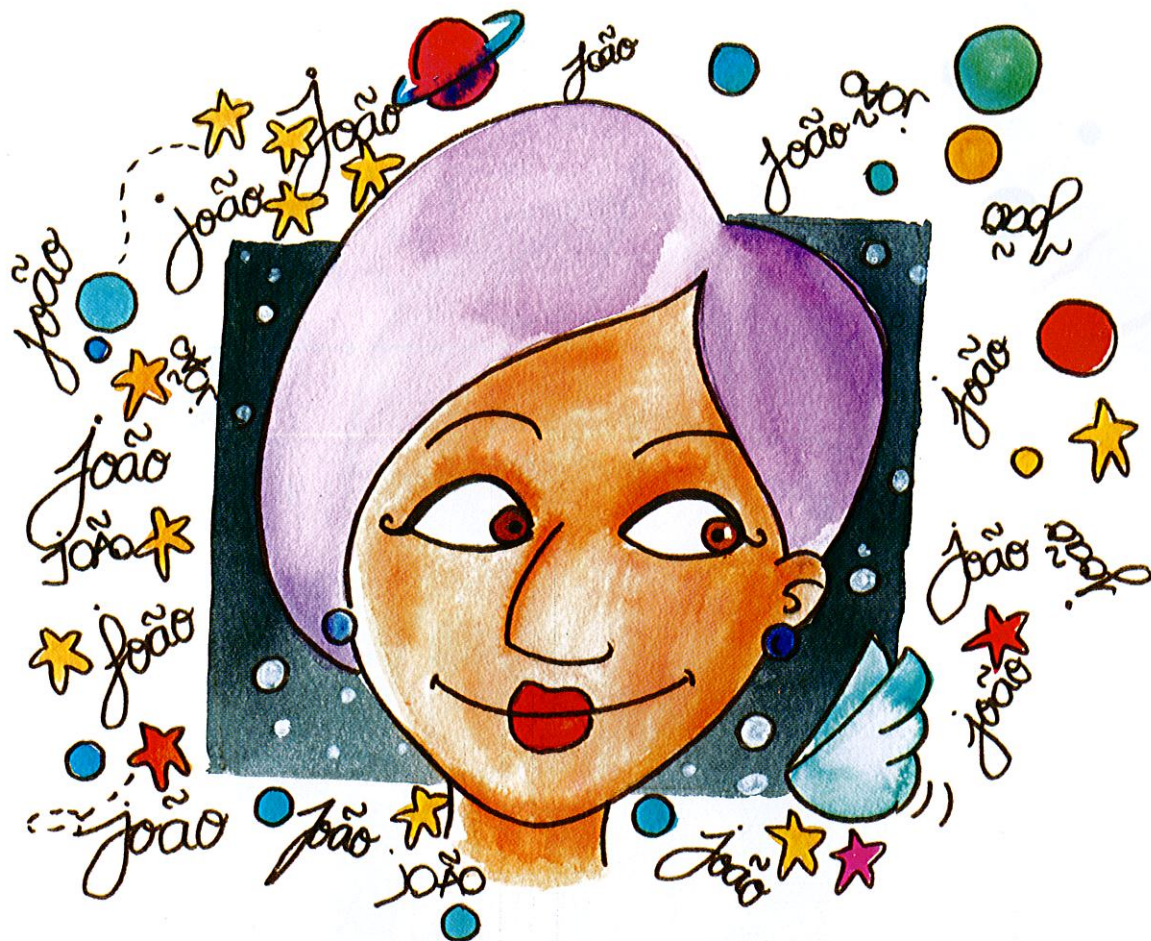




-Só pode ter as asas, só pode ter as asas – disse baixinho, enquanto a abria. E lá estavam. Finas, mas tão finas que eram quase transparentes. E que macias! Que lindo, que lindo...

-Mas ainda há mais. Uma carta com o meu nome, por isso é para mim. Não acredito, vou já ler:





“Tinha a certeza que vinhas aqui!

No dia em que soube que ia ser tua avó, senti um orgulho enorme. Soube logo que íamos ter uma amizade especial. Já falei com os outros anjos. Fica sossegado. Quando um de nós estiver mais cansado, o outro fica mais alerta. Nada de mal te acontecerá.

Deixo-te esta caixa, vazia, para te lembrares de mim. As asas amanhã já não vão estar aqui, por isso dentro desta caixa ponho o meu sorriso. Quando a abrires, claro, vais-te sentir bem feliz!”

**Estou rico.**

Herdei uma caixa branca com o sorriso da minha avó.





Acho que todos os meninos deviam ter uma avó Maria...

Agora, sempre que chove, lembro-me dos dias em que, cúmplices numa asneira, íamos os dois apanhar chuva, ficávamos como uns pintos e ríamos, ríamos...



E lembro-me dela quando faz sol, porque me lembro do seu sorriso iluminado, que aquece a minha vida...

Ah, e também disse à minha mãe para não jogar mais no totoloto, que eu não preciso, porque sou dono de uma fortuna que não acaba nunca...



Não é fácil ouvir a voz dos anjos porque  
há sempre muitos ruídos a interferir,  
tantos que a gente já nem dá conta delas.

É por isso que se perde o mais importante.

Luísa Beltrão

Sortemi, lda.

GEN. DI MARI  
S. P. A.

CM  
Cunha da Mata  
Cantanhães e companhia

Wesper  
PORTUGAL



MANZANA  
VERDE, LDA



Casa  
Quis



Oimpôr, lda

AIC  
ARQUIVO INTERNACIONAL DE COIN

Systemair

imac

orval  
Associação de Empresas e Comércio - Associação  
Trindade e Bastos, Lda

z|e|f|a|images

ISBN 972891635-3



9 789728 916350